

RAIVA, AÇÃO E POESIA

Ingrid Cerantola Jó¹

RESUMO

A partir do que elucida Audre Lorde em *Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo* (1984), a presente reflexão busca discorrer sobre a raiva, a sua expressão entre as mulheres e a sua potencialidade no movimento de mudança. Pautando, ainda, as relações de opressão entre nós, a ação, o “ser ativo” na transformação social e a poesia que nos emerge enquanto via de expressão substancial, emancipatória e revolucionária.

Palavras-chave: Raiva; Mulheres; Racismo; Opressão; Poesia.

A dor me come em mordidas generosas
Me mastiga, me engole, me digere
Mas não me mata. Me transforma
Eventualmente a dor me expelle, me esfacela
A natureza é sábia, faz do que resta adubo e reintegra
A expansão é árdua, suada
Quebrar a própria casca, a pele machuca, sangra, racha
O que é vivo sente
O que sente, lateja
Recusar crescer por medo é agonia
Limitar para encaixar perece o ser
Atrofia
Âmago pulsante que me chama
Me ama
Clama pela minha chama
De fogo eu sou movimento
Não tente me dominar
Sou luz, mas também queimo
De fogo eu sou pássaro
Meu voo sua bala não alcança
Porque das cinzas eu me refaço

Ingrid Cerantola Jó, 2020

Somos ensinadas a ignorar, silenciar, reprimir determinados sentimentos. A raiva é um deles e isso é parte de uma arquitetura de dominação pela socialização patriarcal, para que nos tenham “contidas”, controladas. Ou, parafraseando Lorde (2019 [1984]) ao discorrer sobre a expressão da raiva entre as mulheres, a temos por associá-la à aniquilação provocada por

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Contato via e-mail: ingridcj@estudante.ufscar.br

nossos opressores. A raiva que sentimos enquanto pessoas oprimidas por gênero, sexualidade, cor/etnia e classe, por exemplo, é completamente distinta do ódio que nos mata: é uma resposta a ele, e possui finalidade de mudança.

A raiva que sinto, causada pelas opressões a mim direcionadas, de gênero, classe e sexualidade, me integra por toda a vida, e eu passei a entendê-la mais profundamente há alguns anos, de onde ela vinha e porque eu a reprimi tanto. Passei a enxergar mais claramente as relações entre identidade social e injustiças, julgamentos, sofrimentos e violências vividas. É um processo compreender e conduzir a raiva enquanto energia que move, que alimenta, que tira da cama.

A raiva é uma oportunidade de reconhecimento da dor da outra. Se outra mulher expressa com raiva que eu a oprimo de alguma maneira, e o que faço — ao contrário de me ater à centralidade do assunto/ à causa da expressão da raiva — é responder com a minha raiva (proveniente de uma reação defensiva, provavelmente a partir de faíscas do medo e da culpa), o foco da questão central se perde. Como coloca Lorde:

[...] o fato de as mulheres negras e brancas enfrentarem as raivas umas das outras sem rejeição ou rigidez ou silêncio ou culpa é, em si, uma ideia herética e fértil. Ela pressupõe companheiras reunidas em razão de um princípio comum para examinar nossas diferenças e modificar as distorções que a história criou em torno delas. Pois são essas distorções que nos separam. E devemos nos perguntar: quem lucra com tudo isso? (LORDE, 2019 [1984], p. 164)

Em minha vida — e na de muitas pessoas oprimidas pelo ódio, em suas diferentes faces e contextos — a raiva se provou fonte de força para a ação e combustível de transformação social quando coletivizada e canalizada em uma direção comum: para o combate ao que nos desumaniza. Lorde ([2019 1984]), com enfoque na questão do racismo e da expressão da raiva entre as mulheres, coloca em discussão como os cascos emocionais do medo e da culpa vão no sentido contrário da mudança. A culpa paralisa, faz com que nos coloquemos em uma posição de espera por absolvição e, assim, isenção da responsabilidade de ação e de ser parte ativa da transformação social. O medo nos prende ao caminho da objetificação da outra, fecha-nos os ouvidos ao que tem a dizer e promove a exoneração e escusa da autocrítica e da expressão da raiva. Perpetuando, assim, relações de opressão entre nós.

É importante reconhecer a nossa identidade social integralmente, ou seja, não só nossos lugares em posição de oprimides. É essencial abrir-se a enxergar as relações nas quais somos potenciais opressores e assumir nossa responsabilidade de ação na luta contra as diversas expressões de ódio, sobre as quais o sistema capitalista se alimenta e lucra. Tomemos uma sociedade que nos empurra (socializa) lentes estigmatizantes, olhares pré-determinados, construídos a partir de preconceitos diversos. A intersecção não é uma sub-lente a partir de

uma lente social. Ela é, justamente, o antro relacional entre lentes, é a coexistência de mais de um formato de opressão. Falar de interseccionalidade é reconhecer a coexistência de opressões e como isso se manifestar na prática.

A emancipação é coletiva, assim como o uso das vias de luta para tal. O fazer poético e artístico — parte que compõe e consolida o meu ser — é uma dessas vias, uma maneira de vazão que dá nome, que dá forma (e, consequentemente, força), que comunica e atinge em diversos níveis. Uma das ações que integro no movimento cultural se volta para a união de mulheres em poéticas que incentivam nossas expressões individuais e coletivas — limites que se fundem, na verdade. Nela, a emergência das rodas culturais e expressões artístico-políticas fazem sobreviver. Sarau, “slam”, batalha de rima, intervenções. A ocupação dos espaços públicos com a produção de arte, informação e conhecimento salva gerações. Faz gritar vozes de luta. Faz dar combustível, redirecionar caminhos, elucidar alternativas, provocar a crítica social e a autocrítica, escancarar contradições, aprender coletivamente, reconhecer o outro e a si, fortalecer redes de apoio e a luta pela transformação da sociedade.

Lorde aborda a poesia como iluminação. Que dá forma ao que, antes dela, ainda não tinha, mas já era sentido. Ela tem seu âmago presente em todas as mulheres: na reconexão com a ancestralidade, com a “consciência não europeia de vida” (Lorde, 2019 [1984], p. 45), no encontro com as profundezas antigas que vivem dentro de nós.

Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sobre a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. (LORDE, 2019 [1984], p. 45)

Por meio da poesia, a coisa sentida — a raiva latente — é consolidada. Ela não é e não pode ser tomada como um luxo. Poesia é resistência, é basal, é grito, é denúncia, é luta! Poesia é respiro. É encontrar aquilo que se sente, as potências que moram dentro de si. Poesia é coragem, é canal da força substancial da transformação, que, precedendo outras ações de luta, firma a prática revolucionária, a emancipação, a mudança.

É necessário compreender nossas respectivas posições e agir no movimento de defronta às linhas de ódio. Não se pode falar em libertação e emancipação das mulheres pautando, unicamente, a libertação do patriarcado. É preciso centralizar, junto ao combate à opressão machista, a luta contra o racismo, o classismo, a lgbtqiafobia. Opressões que também se manifestam entre nós, mulheres diversas. Como posso me considerar no caminho para a emancipação de meus opressores, quando ignoro, por exemplo, o fato de que posso estar contribuindo para a perpetuação de opressões para com outras mulheres?

É preciso alterar as “distorções que herdamos” (Lorde, 2019 [1984]), os preconceitos que reproduzimos. Isso significa aprofundar-se em si, realizar reflexões e autocríticas. Significa reconhecer e escutar as mulheres que lutam e se expressam ao seu lado. Acima de tudo, é preciso ser pessoa ativa no combate à opressão: dentro de si e ao redor de si. “Não sou livre enquanto qualquer outra mulher for prisioneira, ainda que as amarras dela sejam diferentes das minhas. [...] Nem é livre nenhuma de vocês.” (LORDE, 2019 [1984], p. 169).

A libertação e emancipação das mulheres vai partir da ação contra as diversas opressões que se interseccionam, criando, assim, uma potência de luta conjunta. A estigmatização da raiva e a repressão da manifestação da mesma enfraquecem o movimento de mudança que ela pode potencializar. Devemos nos fortalecer para que a raiva entre nós não assuma a forma do medo ou da culpa. Ela deve ser compreendida e conduzida ao combate do nosso verdadeiro inimigo: o sistema racista, patriarcal, cis-hetero-normativo, capitalista.

REFERÊNCIAS

LORDE, Audre. Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*. 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2019 [1984]. cap. 12, pp. 155 - 167.